

O AMANTE DO SABER QUE BEM ESCOLHE

Anderson Alves Francisco¹

A filosofia hoje, fora do âmbito acadêmico possui diversas vestimentas, ou seja, é apresentada de diversas maneiras: como apoio para diversas ideologias, como base para críticas sociais e econômicas, também como fonte para a criação de material de autoajuda, entre muitas outras aplicações longe de sua verdadeira vocação. E essa constatação se estende longamente e se dá em vários ambientes como nas mídias sociais, nos locais de trabalho, e nas escolas.

Assim numa investigação rasa sobre a percepção comum é evidente que o indivíduo não faça uma divisão simples e clara da filosofia em seus dois grandes grupos: Contemplativa e Prática. E acredito que é por essa última respectivamente, que é mais clara e tangível que cada sujeito pode livremente filosofar com um pouco de segurança e paixão.

A filosofia prática toca o agir do homem, ou seja, a sua ação no cotidiano, e a boa maneira de viver, muito evidente na filosofia ética de Aristóteles, que indica a felicidade como o meio-termo, entre os extremos, e esse termo médio é a virtude, que praticada quase todas às vezes, acaba por fazer parte do indivíduo virtuoso.

Um compilado sobre as virtudes é o livro: Pequeno Tratado sobre as Grandes Virtudes, e a terceira virtude apresentada por André Comte-Sponville é a prudência, que segundo Sponville (1999, p. 17): “ela quase desapareceu do vocabulário moral contemporâneo” assim em meio a tantos livros, ideologias, filmes, músicas, movimentos, parece-me que a filosofia hoje pode conduzir inicialmente o homem a conhecer a prudência já tratada e desenvolvida por Aristóteles e exposta de maneira preocupada com o presente e futuro por Sponville.

Deste modo, de maneira complexa esta virtude conduz ao seu praticante a um ato constante de reflexão, de uma possibilidade de mudança, num mundo no qual somos condicionados a ter posições sólidas e inexoráveis, pois diz Sponville (1999, p. 18) se usando de Aristóteles (EN 1140a – 1141a 25): “a prudência é a disposição que permite deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para o homem (...) e agir em consequência”. Logo, a partir desta colocação, muitos

¹ É aluno do Curso de Filosofia da Faculdade de São Bento de São Paulo.

elementos podem ser destrinchados, para que o agir do homem que deseja viver de maneira prudente seja possível.

Uma das chaves é a análise prática, que está no interior desta virtude, pois a prudência exige: Deliberar. E esta ação é sempre atual, imediata, por esse motivo, Sponville (1999, p. 18) a chama de: “Virtude presente”, ou melhor, virtude dada no agora, pois esse tipo de eleição não pode ser realizada sobre o passado já consumado, nem no futuro inexistente, senão no exato momento atual, na manobra defensiva num carro, numa resposta mais comedida ou irada a um colega, ou numa rejeição da sobremesa após o almoço.

E sendo presente, aponta de maneira diferente para o futuro, se dando apenas como deliberação dos meios, mas que exige uma observação maior de um fim, que deve ser sempre bom como é dito por Sponville (1999, p. 19) “a serviço de um fim estimável”, isto é, sempre em vistas de algo louvável, um indivíduo não é prudente no planejamento de um assassinato, nem na negligência com sua saúde desejando posteriormente adoecer.

Mas em vistas do que foi dito, pode-se deduzir que a prudência seja a virtude dos covardes, pois talvez observe sempre uma ação longe do perigo. Tal desencadeamento está equivocado, pois a prudência não é a escolha de recuar ou de evitar, senão como Sponville diz (1999, p. 20) “quando decide da melhor maneira possível” é que somos prudentes, quando o policial delibera sobre a melhor abordagem, ou um lutador se fixa na busca de encaixar uma melhor sequência de golpes, ou até mesmo na escolha entre reagir, fugir ou cooperar em um assalto.

Assim como a prudência deveria ser claramente estimulada dentro dos processos formativos educacionais das escolas, universidades, e centros educativos/culturais logo, uma educação baseada em virtudes se apresenta muito mais efetiva, do que a moderna máxima premissa brasileira de: Educar para a formação de pessoas críticas, ou prontas para o mercado de trabalho, pois uma formação que estimula a prudência, criará uma verdadeira cidade com indivíduos capazes escolher bem, implicando se maneira direta todos os campos possíveis da sociedade desde do trânsito mais seguro, até uma política honesta.

Enfim, apaixonar-se pela filosofia e viver a prudência está além de qualquer religião ou crença, e em especial esta virtude não se preocupa com uma definição restritiva de fins, devendo ser somente bons, mas sim, se fixa num reto deliberar de

meios, sendo muito mais do que uma cartilha de boas práticas e aberta aos erros como diz Carvalho sobre esta virtude (2011, p. 268): “um tipo de atividade não governada por regras, aberta a erros e acertos frente às contingências”, e ela deve habitar no interior de cada homem e mulher amante da sabedoria, pois a virtude não sofre com as intempéries do tempo, com o desgaste da temporalidade e tão pouco com terremotos externos. Para isso precisamos de filosofia hoje!

Bibliografia

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética**; Tradução de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção: Os Pensadores)

CARVALHO, H. B. A, A phrónesis: Breve comparação das leituras de Alasdair MacIntyre e Paul Ricoeur. **Hypnos: Primeiros sábios, primeiros filósofos II**. São Paulo, n. 27, p. 260-283, 2011. Disponível em: <<http://www.hypnos.org.br/revista/index.php/hypnos/article/view/212>>. Acesso em 09 jun. 2018.

SPONVILLE, A. C. **Pequeno Tratado das Grandes Virtude**; Tradução de Eduardo Brandão São Paulo: Martins Fontes, 1999.